

## LUCTADOR

Rio, 10 de Junho de 1883.

Dispensamos, ainda hoje, algumas palavras sobre o ensino livre.

Enfrentamos ainda hoje e de novo vamos tratar d'esse novo meu de progredir que se chama—ensino livre.

Foi uma das mais arrojadas idéas que veio concorrer muito para o engrandecimento das nossas faculdades, para os progressos intellectuaes de todos os brasileiros.

O ensino livre foi uma passada de gigante dada por um povo ainda pygmeu e sem intellectualidade conhecida.

Pois bem, hoje essa idéa grandiosa, que veio trazer o entusiasmo á mocidade estudiosa; que veio alimentar as esperanças de muitos cerebros ainda jovens; essa idéa cahiu diante da imprevidencia dos poderes; foi arrancada como o cedro adusto e cahiu por terra; mas como o cedro, tambem deixou innumeras raizes no seio da mocidade do Brazil.

Todos nós, estudantes ou não, conhecemos as vantagens do ensino encarado por essa fórmula; todos nós sabemos quaes os resultados dos exames brilhantes prestados nas nossas faculdades.

Todos nós sabemos que apesar de não ser obrigatorio o ponto, todos corriam pressurosos ás aulas praticas, e ahi aprendiam o que lhes foi tão util aos exames finaes.

Emfim, nada mais absurdo do que essas aulas em que o individuo procura dormir antes do que aprender: o que nos mostra a pratica d'estes factos, não acontece quando o individuo vai de motu proprio.

Felizmente para nós, a lembrança dos beneficios prestados pelo ensino livre, fez com que os nossos estudantes se reunissem e fizessem uma petição ao Sr. ministro do imperio, afim de lhes ser permitida a não obrigatoriedade do vexatorio ponto.

Continuando diremos, que o ensino livre não foi só aceito por ter partido do cerebro esclarecido do Sr. Leoncio de Carvalho, mas porque todos previam os resultados que este modo de ensino poderia trazer para o futuro.

Na nossa escola polytechnica já elle está em pleno vigor, na faculdade de medicina já esteve e hoje foi banido quasi completamente.

Quando é banido e restringido um acto qualquer, nós nos revoltamos, mas quando se trata de uma lei que não só traz o bem de um como de muitos, si acaso essa lei é banida ou pretendem banil-a, todos sem distincção, devem proclamar a iniquidade

e o espirito pouco esclarecido d'aquelles que promulgam leis que se oppõem a outras aceitas e já sancionadas pela popularidade e pelos resultados praticos por ellas obtidos.

Emfim o ensino obrigatorio só serve para a primeira idade, para adolescentes que ainda não gostem dos estudos superiores e que demandam de vocação ou de, pelo menos, bôa vontade.

Para que o rapaz tome gosto pelos estudos superiores, basta que se resolva a estudar e para isso, não é necessario intervenção alheia que o obrigue áquillo que o revolta e que não tem razão alguma de ser.

Ainda felizmente para nós a imprensa já tomou á sua conta semelhante lei e tambem já o promulgador e propugnador da lei do ensino livre, já ergueu sua voz e patenteou sufficientemente a necessidade do ensino livre nos cursos superiores.

Era preciso que viesse o Sr. conselheiro Leoncio de Carvalho á imprensa para provar o absurdo da lei que repelle o ensino livre das nossas faculdades; era preciso que sua voz authorizada viesse patentear quão sem razão é o regulamento que obriga a frequencia nos laboratorios.

Um orgão da côrte tambem se levantou e suspendeu a luva atirada pela lei e pelo regulamento, este orgão tratou do assumpto sobre todos os pontos de vista

## FOLHETIM

### COMO ESTE HA MUITOS!

#### PAGINA CONTEMPORANEA

Ha cada razão de bom gosto (perdoem-me os que passam bem), que têm certos desejos e que levam a effeito os ditos cujos desejos de modo que nos deixam boquiabertos...

Uns julgam-se uns grandes filhos do seculo e aproveitaveis porque ouviram algum propheta dizer-lhes que hão de dar para alguma coisa; outros atiram-se ás artes desconhecidas esperando que d'ahi lhes provenha alguma gloria, talvez a de achar o celebre elixir de longa vida, a quadratura do circulo, apesar do Sr. de Bismarck já a ter achado mandando fazer para a cabeça redonda dos soldados, cha-

pêus quadrados, ou emfim, outra qualquer descoberta importante.

O pandego que nos propomos a descrever é o Sr. Eduardo, e, segundo as placas do estylo, o que já é uma placa, apresentamo-lo ao leitor avido talvez de conhecer mais um para a sua collecção.

Eu não sou muito feliz em descripções, entretanto vá lá mais esta. E' o nosso heróe um todo que lembraria alguma moiteira de bambús com uma cabeça (e até ahi não vai novidade). Pois comecei a descrever-o da séde da intelligencia a Mirabeau (quem nunca o viu procure vel-o para formar idéa completa) uns olhos vivos e pretos, cabellos da mesma cor, bocca enorme, nariz abicado, pescoço comprido (desculpem-me as egegnias), mãos e pés grandes, (peço licença aos meus, finalmente um todo... excêntrico!)

Quanto á vista, era curta em qualquer das accepções que tomemos esta palavra, em uma, usava de oculos, em outra não distinguia uma viola de um tambor nem nunca podera per-

ceber porque vemos um objecto que está á nossa vista.

Trajava bem e era viuvo, duas condições necessarias e bastantes para ser estimado das jovens que julgam pelas apparencias.

Frequentava os bailes do Congresso, não para dançar, mas, para, na phrase d'elle,—bispar a murtidão de gente que lá varrão.

Tantas vezes vai o puerro á fonte... e eis o nosso Eduardo enamorado de uma, maneira pouco vulgar, pois pelo seu talento e illustração, conseguiu com que uma joven, D. Sebastiana o extremasse.

Então o nosso heróe conversava, ás vezes durante a noite com a sua stella, ambos n'uma pose romantica. Quanta phrase bonita não lhe havia de dizer elle!!!

Uma occasião ella lhe perguntára... sim, o que era na ordem das coisas, mas isto de um a maneira assucarada.

Elle emperigou-se e respondeu-lhes: quanto annista do curso medico.



práticos; ser-nos-hão, pois permittidos estes esclarecimentos sobre o ensino.

Nossas palavras, apesar de poucas e mal moldadas, vêm comtudo, pôr os nossos leitores ao corrente do assumpto.

Do seio da faculdade de medicina da côrte, nós levantamos um brado de entusiasmo aos propugnadores do ensino livre.

## VISITAS

Recebemos as visitas da *Cruzada* n. 11, anno II, *Gazeta Academica* n. 4, *Gazetinha Aguiã de Ouro* n. 18, anno II, *Venus* n. 1, *Iniciação* n. 1.

No primeiro nota-se: o *Invalido*, escripto em bom verso e outros artigos excellentes.

No segundo nota-se nos versos ainda o mesmo defeito que notámos em um dos nossos numeros: a *quebradura* do alexandrino. Em compensação traz o Nihilismo, excellente idéa e excellentes alexandrinos.

No terceiro ha uma bôa poesia da Exm. Sra. D. Julieta de Mello Monteiro, é uma bôa producção que não desmente os outros trabalhos da illustre rio-grandense.

Na quarta ha um folhetim, que francamente apesar de ser de um distincto litterato, comtudo não nos agradou. Talvez digam-nos, é impossivel escrever agradando a todos os paladares. No mais promette....

Tambem recebemos a *Phalange*, que traz uma poesia do Sr. Garcia Rosa, onde ha muita bomba. Mais fundo e menos vãos, meu caro, é o que exige a poesia de hoje *Minha illusão*, poesia do Sr. Pinheiro, precisa de alguns *reloques*.

No mais este numero vem bom.

---A *Patria*, que tambem traz bons artigos politicos.

Ella acreditou, pois não estava nos casos de julgar da sciencia do Romeu.

Mas, o diabo sempre as arma, havia um intimo da casa que era estudante da mesma serie, de fórma que perguntaram-lhe se conhecia o Sr. Eduardo Zebedeu de Araujo Brito Lima.

O intimo reflectiu e disse, que não lhe constava haver semelhante nome pertencente a um seu collega, mas que entretanto indagaria eserupulosamente dando a resposta o mais breve possivel.

Indagou e soube que....qual, *carapuças*, o *typão* nem nunca se tinha perdido pela escola.

Immediatamente foi levar a resposta da incumbencia.

*Tableau!*—Todos almirados, confusos, isto é, aquelles que sabiam da *piada*, as tres irmãs.

O intimo julga-se no dever de punir semelhante *fraude* e portanto, prepara o plano do ataque. O primeiro passo era conhecer o *bicho*, o segundo procurar alguém que o apresentasse ao seu *collega*, o terceiro, fazer-se seu

*Carris Litterarios* (de Vassouras), onde ha muita *verve*.

Agradecemos a todos, desejando-lhes muita vida.

## CORREIO

Sr. Sylvio da La Tour.—Ora até que afinal chegou com toda a sua força juvenil. Olhe, já havíamos mandado arranjar a roupa preta.....

Sr. Raul Gonzaga.—Será, sim senhor, publicada e ás ordens para o que dêr e vier de sua pessoa.

Sr. C. C. S.—O soneto, sim senhor, quanto ao mais não que é muito?

Pois nós achamos e por isso.....

## LITTERATURA

### LITTERATURA DA IDADE MÉDIA

#### (Conclusão)

*Cyelo Carolino ou francez*.—Este *cyelo* que vai do seculo 12.º ao 14.º tem certos cantos cujo heroe é Carlos Magno, sendo elles historicos e fixados pela escripta.

As epopéas *Carlovingianas* tem o nome de *canções de gestas* sendo de inspiração religiosa e feudal.

N'ellas celebram-se principalmente as luctas entre Christãos e Mahometanos.

Tres tendencias encontram-se n'este *cyelo*.

A primeira comprehende as *gestas* mais notaveis que circularam na Europa, com o a *Canção de Roland* ou de *Roncevaux*, *Raoul de Cambrai*, *Aliscamps* e outros. Devidas ao genio Gallo-Franco foram introduzidas na Europa e ainda ha vestigios mórmente nos alexandrinos de algumas canções como a do Figueiral e outras.

A segunda comprehende os poemas de *cavallaria*, isto é no tempo em que a so-

amigo, o quarto, isto é, o da apothecose final, desmascarar-o.

O conhecel-o foi a cousa mais facil. Passou uma occasião por lá quando *elle* deitava idylls e assim ficou conhecendo-o.

O segundo custou mais.... porém *piano piano* e ás n'uma conversa soube que o *pan-dego* residia em uma *hospedaria* onde havia um seu conhecido que era bem provavel que o conhecesse.

E com effeito, conhecia-o como as *palminhas de suas mãos*. Houve, pois, a apresentação e d'ahi os offerecimentos: *quando quizer é somentes apparecer, lá estomos e outros mais alambicados* signaes de amizade.

D'ahi a seis dias eis o intimo visitando Eduardo e protestando-lhe amizade eterna, contando algumas mentiras, a respeito de namoros, como casos veridicos, para d'esta fórma o nosso *bom* homem vomitar.

Excellent vomitivo!—Eil-o que começa a contar as suas aventuras não omitindo cousa alguma, até deixando escapar que era

cidade feudal se revoltou contra os reis.

A idade feudal, porém, terminou-se e a poesia tornou-se ficticia, e senão veja-se o *Amadis de Gaula*, o *Roman d'Amadas* e outros.

A terceira comprehende certas composições de *cavallaria* quando esta transformou-se em allegorica como o *Palmeirim de Inglaterra*.

A *cavallaria* finalmente terminou-se e deu lugar á *Tavola Redonda*.

Os poemas da *Tavola Redonda* são notaveis.

*Cyelo armorico ou de Arthur*.—

Este *cyelo* tem certos. Cantos cujo heroe é o rei Arthur que lhe deu o nome.

O *cyelo armorico* tendo-se divulgado muito em Portugal deu queda ás *canções Carlovingianas*.

Tomando por base o *Amadis y Idoine* o forma-se o *cyelo* dos *Amadizes* que conquistaram certo nome.

No *cyelo armorico* distinguem-se duas correntes poeticas, uma que é caracterizada pelo amor cavalheiresco e heroismo bellico e n'este caso entram os poemas da *Tavola Redonda* da qual são principaes o *d'Erec e Enide*, *Merlin*, *Tristan* e outros, e a segunda corrente que tem por objecto procurar o *Sam Graal*, vaso por onde o Christo bebêra.

O romance de *Perceval* é uma prova eloquente da segunda corrente.

*Cyelo classico*.—E' em parte a reprodução da antiguidade Greco-Romana.

Devendo muito a litteratura da *Idade Media* ao genio Gallo-Romano, n'esta epocha desenvolvem-se os elementos embryonarios das linguas modernas.

A escolha de assumptos Greco-Romanos o presentimento remoto e confuso da *Renascença* por um prenuncio de Dante e de Petrarcha.

Eis os traços geraes d'esta litteratura.

FLAVIO GONTRAND.

—*conductor de bond* e que por isto ás vezes deixava de ir passar alguns instantes junto á sua *estrella polar*.

O intimo não soffreu commoção alguma pois já esperava por uns d'estes finais *tristes*.

Conversou ainda um pouco e retirou-se, sempre protestando-lhe muita estima.

A este tempo já o *dono da orchestra*, o pai de Sebastiana, sabia que sua filha alimentava aquelle amor.

Um dia á tarde, entra o intimo e com tanta alegria por ter tirado uma mascara que não se importou com o velho e foi dizendo o que sabia. O *velho* inflammou-se, ficou congesto e....

#### EPILOGO

—Eduardo está de cama, amolgaram-lhe ou antes um páu apalpou-lhe as costellas.

E' o caso de dizer-se; com o poeta:

«*Ir com aças de cupido,*  
«*Voltar com aças de páu.*»

FLAVIO GONTRAND.



POESIAS

SERÁ?!...

Será no teu olhar, mulher, que tens um imã  
Que, só n'um bom olhar n'um rápido fitar,  
Atraes á quem puder, forçando á ti amar?!  
— As tuas atracções talvez que não me opprimam!

E tu me vens jactar que teus olhares primam  
De mil fascinações...que ind'has de me mostrar  
— E' falso o teu poder de tudo dominar;  
Teus olhos não têm tem luz que tanto ardor imprimam — !

A' mim, o teu olhar ultriz de mil encantos,  
Olhar que tem prendido á velhos mais sizudos,  
Olhar que tem manchado á muitos frades santos,

Que faz então pasmar, cahir no teu dominio:  
— Não goza de atracção, precisa bem de estudos,  
E' fóco de desgraça, é pyra de estermínio!...

RAUL GONZAGA

26 - 5.º - 83.

SONETO

E' A TAL COUZA...

Houve barulho em casa da vizinha...  
Depois gestos e olhar insinuantes,  
A criada contou que dois amantes  
Brigaram por amor da *Sinhasinha*.

Era assim: um entrava á tardesinha,  
Passos fôfos, tardios, hesitantes,  
Ás oito horas sahia e após instantes  
Todo cautelas, o segundo vinha

— Dois! sirigaita, dois!... pobre marido!  
Ha seis mezes casado o já trahido!  
Ai! mundo, mundo... repetia a avó!

— E' mesmo nm desaforo, exclama a neta,  
E diz baixinho: como sou pateta,  
Ha seis annos casada e tenho um só!

C. C. S.

QUELQUE CHOSE...

(A. J.)

Não sabes o que sinto dentro em mim?  
— Um *quê* de vago, um *quê* de aereo e bello,  
— Um *quê* que m'encadeia ao teu cabelo  
Um *quê*, sublime, assim...

— Um *quê* que diz porque, mas que ao setim  
Do teu vestido lindo geme, e Othello  
Não teria taes ancias, Consuelo...  
Um *quê*, um *quê* emfim...

— Um *quê* que me desperta um certo *quê*,  
— Me agonia cruel não sei porque...  
Um *quê*, de se sentir...

— Um *quê* que modulando uma canção,  
Ouvindo tuas vozes é sultão....  
Um *quê* do teu sorrir...

FLAVIO GONTRAND.

1883.

NA IGREJA

(A. A. \* P. \*)

Cravas ao Senhor— deste teu seio  
Uma prece elevou-se brandamente  
Como o perfume eleva-se das flôres  
Nas noites em que a lua docemente

Rasga, do céu, as côres ao receio,  
Apparece-nos além pallidamente  
E inspirando ao mundo mil amores  
N'uma linguagem pallida.. trememente....

Eu o sceptico...o frio... disse: « Creio  
Que existe um Deos que abranda nosas dores »  
E senti no meu peito um fogo ardente

E da minha oração, parei no meio...  
Cravaste-me teus olhos seductores  
E eu fugi de ti, louco... demente...

ARTHUR T. DUARTE.

Rio - 10 - 6 - 83.

LOGOGRIPHO

Já dei out'ora glorias a Colombo, 4. 7. 2.  
E hoje, me achareis na Lusitania 6. 8. 3. 1. 7.  
Com certa infinidade e com largueza 6. 5. 8. 8. 3.  
Que me dêra a triste Karomânia. 10. 12. 1. 8. 5. 3.  
Sou também das flôrestas—grata filha, 7. 8. 5. 8. 3.  
Com o nome de mulher já fui formosa; 11. 3. 8. 7.  
Mas hoje, conhecida sou dos indios, 1. 2. 5. 8. 7. 4. 3.  
E muitas vezes sou—mui tenebrosa. 11. 9. 8. 8. 3.

Sou um natural de amenas plagas,  
Onde beijam as praias mansas vagas.

L. PESSANHA.

CARTAS AO SR. NADA

Amigo:

Compreendi o que tu eras. Desde muito sei o que queres dizer; desde que disseste que eras o que eu era.

Desculpa minha linguagem tremula e não alinhavada nos moldes da rhetorica; sabes que me faltam conhecimentos, por isso, desculpa-me.

Li o teu artigo, estimei-o; veio trazer-me alegrias; veio despertar em mim todas as melodias supremas de minha pouca individualidade.

Abraço-te, és meu irmão; o meu artigo é uma explicativa que te devo fazer; não quero que penses que sou algum materialista for-

çado, que se fez materialista por conveniencia sou materialista de convicção.

Tu és nada como eu.

Vale.

SYLVIO DE LA TOUR.

12—6—83.

SCIENCIAS

ALGUMAS PALAVRAS

(Continuado do n. 5)

Depois d'essas pequenas e já muito conhecidas, observações passaremos ao estudo, embora imperfeito das diversas ordens que compõem a 1ª sub-classe ou dos monodelphos.

Nos deteremos porém, nas duas primeiras ordens, isto é. dos bimanos e dos quadrumanos, porque assim se faz mais necessario aos nossos artigos para bôa intelligencia d'elles.

Na ordem dos bimanos só é encontrado o homem. na ordem dos quadrumanos distinguiremos os macacos.

Aqui começaremos o estudo comparado dos esqueletos e dos órgãos que ao esmtam mais semelhanças, isto porque não pretendemos escrever compendio e sim uma serie de artigos em que ponhamos em relevo as nossas tendencias transformistas.

Não nos é possível entrar em minudencias em artigos que constituem um ensaio apenas e algumas horas dispensadas dos nossos estudos *obrigatorios e officinaes*.

Vamos começar pelo estado dos craneos.

O craneo do homem é arredondado ou antes ovoide, é mais desenvolvido do que a face articula-se com as vertebraes; a face não é tão proeminente como nos outros animaes.

No macaco a face é proeminente o craneo é muito menor que o do homem caucasiano mas aproxima-se muito do da raça negra.

Comparando os anglos faciaes nas diferentes raças, vemos que na raça caucasica o angulo é de 80º; para a raça negra de 70º mais ou menos; nos macacos é 67 variando até 30º, de todas as raças, aquelle que tem angulo facial mais aberto é o da raça caucasica; notando-se, porém, que o angulo facial na raça ethiope é muito approximado da dos macacos.

Releva aqui notar que, o craneo estabelece uma certa relatividade entre os grãos de intelligencia dos diversos animaes, e quasi que se pôde dizer que a intelligencia é relativa ao tamanho e a razão directa; e isto provoca-se observando-se que, certos animaes inferiores ao homem, os que têm a caixa craneana pouco desenvolvida, são ordinariamente estupidos, salvo, porém as excepções.

Quanto ao cerebro as observações consciencias de todos os observadores, attestam que o numero de circumvoluções cerebraes é menor no macaco que no homem, esta differença e outras não são capitais porque na criança este numero augmenta, á medida, porém, que a educação se vai completando.

Comtudo, não somos do parecer de Gall, nem tão pouco somos *phrenologistas*



como o distincto physiologista; apenas diremos que em questões de intelligencias tudo depende da qualidade da massa encephalica.

Depois d'estes estudos, rapidamente feitos, trataremos das outras semelhanças ou diferenças que se nos apresentam mais notaveis.

Passaremos ao estudo comparativo dos membros inferiores e superiores do macaco e do homem.

A mão do macaco não tem os movimentos tão extensos como a do homem e tem o plex opposto.

Nas mãos e nos pés dos macacos é que se acham as diferenças mais notaveis entre bimanos e quadrumanos.

O que se não pôde negar é que esta questão é ainda intrincada para a sciencia.

Não se pôde explicar isto, assim como não se pôde explicar outras tantas cousas que ainda estão por explicar.

Comtudo, de boamente admitte-se sem esforços grandes, que transformações necessarias se deram nesta ordem dos quadrumanos, afim de que os membros inferiores se transformassem em planta e o plex tivesse os movimentos mais extensos; o que não é impossivel, pois comparando os ossos do pé com os da mão de qualquer homem, poucas diferenças acharemos dignos de nota e ao contrario, acharemos muitas e muitas semelhanças.

Todos, com certeza, acharão semelhanças entre o corpo e o tarso; entre o metacarpo e o metatarso; entre as phalanges, etc., e até mesmo entre as articulações do punho e do tornozello; emfim, d'aqui proviria uma serie de considerações que nos estenderia muito, se acaso quizessemos nos allongar.

Quem nos afiança que primitivamente nossos pés não tinham muita semelhança com os do macaco? Ninguém.

No nosso proximo artigo trataremos para terminar dos costumes de linguagem ou modo de comunicação dos macacos e mais alguma cousa que nos occorrer.

Por hoje chega.

Junho, 8—1883.

SYLVIO DE LA TOUR.

## LAMPEJOS SCIENTIFICOS

### II

#### DA ESPECIE

Antes de dizermos algumas palavras sobre a especie na Historia Natural, convém que digamos tambem em algumas linhas pelo que se entendem em Pharmacia com o nome de especies. N'esta arte, pôde-se definil-as assim: uma mistura de muitas plantas ou parte d'esses mesmos vegetaes. São substancias que estão grupadas na classe dos medicamentos compostos e anomaes como um dos primeiros typos. Na confecção d'esses medicamentos, o perito deae ter sempre em vista não misturar substancias de texturas diferentes ou heterogeneas, mas sim homogeneas, isto é, de texturas iguaes. Assim, elle não deverá misturar por exemplo folhas com raizes; flores com

folhas, etc.; podendo perfeitamente misturar flores com flores, folhas com folhas, etc. Se elle não seguir essa regra que até hoje permanece, a mistura dificultaria muito que elle obtivesse um producto perfeitamente homogeneo. Deve-se pois misturar substancias que cedam com a mesma promptidão suas partes solueis e medicamentosas aos vehiculos que ellas forem submittidas. Em pharmacia, as especies se dividem em amargas, aromaticas, anthelminthicas, léchicas, diureticas, emollientes, peitoraes, vulneraria, etc. E' uma divisão que ainda é aceita até hoje e se acha escripta nos compendios e formularios. Na maioria dos casos, as especies officinaes são sempre empregadas em proporções iguaes.

São usadas em infusões e em decoctos cujo uso pôde ser, conforme os casos, em interno e externo. Em Historia Natural, a especie não é mais que a collecção de individuos que gozam dos mesmos caracteres, sendo por isso mui semelhantes entre si e distinguindo-se por esse caracter de todos os outros. No reino inorganico, a especie é classificada pela identidade de composição. Por exemplo: se um perito tiver diante da vista, (que é uma das propriedades organolepticas importantes) dous saes de baryo; o azotato e o sulphato, verá que elles não têm cor, e se submeter o primeiro que é solúvel n'agua á uma corrente de hydrogeno sulphuretado ( $H_2S$ ), verá que não ha precipitação e o reactivo por excellencia—o acido sulphurico fará instantaneamente surgir um precipitado branco insolúvel no acido azotico, além de ser este sal por si mesmo insolúvel n'este mesmo acido concentrado. E' uma reacção, a primeira, considerada como caracteristica dos saes d'este metal cujo pezo atomico é elevado (137,2), sendo por isso muito toxico. O bismutho, cujo pezo atomico é ainda mais elevado (216) é muito mais toxico que o baryo e mesmo do que mercurio que é muito maior que este, e menor que o bismutho, fornece á medicina um producto—o azotato-neutro de bismutho ou sub-azotato de bismutho ( $BiAzO_4 + H_2O$ ) que não é venenoso; pois é insolúvel nos principaes vehiculos e mesmo nos acidos da economia humana. O mesmo não se dá com o azotato acido  $Bi^{+++}(AzO^3)^3$  que é nimamente venenoso. São factos estes que vem patenteiar a lei de Rabuteau sobre a toxicidade dos metaes a qual diz que «os metaes são tanto mais toxicos quanto o seu pezo atomico fôr mais elevado.» E como em 1820, os Srs. Dulong e Petit, descobriram que; «os calóricos especificos estão na razão inversa dos pesos atomicos», aquelle notavel therapeutista e incansavel experimentador, tirou d'ahi uma conclusão para a sua lei, dizendo que; «os metaes são tanto mais toxicos quanto o seu pezo atomico fôr maior e o calorico especifico fôr menor» Deixando de parte estas questões que interessam a Chimica e a Toxicologia, continuamos na vereda da Historia Natural. No reino organico, a especie é baseada

na identidade de estrutura, de forma e na propriedade que tem os individuos, vegetaes ou animacs, de reproduzirem seres semelhantes.

Um individuo não é mais que o ser que sendo dividido, fica imperfetto.

A especie é o quid de muitas questões dependentes da Biologia e da Philosophia que ainda não foram, até a época actual, discutidas convenientemente.

(Continúa.)  
RAUL GONZAGA

## A' ultima hora

Consta-nos que os Rio-Grandenses, residentes na corte, acabam de fundar uma Sociedade Abolicionista—Rio-Grandense.

Enviamos os nossos parabens aos illustres patricios que acabam de dar mais um passo para o engrandecimento d'aquella provincia. --- Away.

## CHARADAS

1.<sup>a</sup>

1—2.—Aqui e na Africa ha lenho medicinal.

2.<sup>a</sup>

1—2.—A ilha para este animal é o mundo.

3.<sup>a</sup>

1—2.—O circulo d'este tecido é uma abobora.

4.<sup>a</sup>

2—2.—Como deleita a dama d'este vegetal!

## ANNUNCIOS

### ESTABELECIMENTO DA LIBERDADE

Rua dos Voluntarios da Patria, 45

esquina da do Paulino Fernandes.

O proprietario d'este estabelecimento tem sempre um sortimento de generos alimenticios de primeira qualidade.

## EXPEDIENTE

A redacção do Luctador, além de franquear as columnas do seu Jornal a quem n'elle quizer collaborar, aceita annuncios commerciaes ou outros quaesquer, mediante o preço de cem réis a linha.

Aquelles senhores que, havendo recebido exemplares do Luctador não os devolverem, serão considerados assignantes.

Rogamos aos nossos assignantes que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, o obsequio de envial-as em carta registrada á nossa redacção.

Typ. — Rua de S. José n. 47.